

## **PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: APONTAMENTOS SOBRE O LIVRO “DILEMAS E DESAFIOS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA”**

### **PHYSICAL EDUCATION GRADUATE PROGRAMS: NOTES ON THE BOOK “DILEMMAS AND CHALLENGES IN PHYSICAL EDUCATION GRADUATE PROGRAMS”**

**Marcelo Moraes e Silva<sup>1</sup>, Camila Cavalheiro Maciel<sup>1</sup>, Jeferson Roberto Rojo<sup>1</sup>, Leonardo do Couto Gomes<sup>1</sup>, e Tatiana Sviesk Moreira<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal do Paraná – Curitiba/PR – Brasil.

---

#### **RESUMO**

Trata-se de um artigo de opinião relativo ao livro “Dilemas e desafios da Pós-Graduação em Educação Física”, organizado por pesquisadores ligados ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e publicado pela Editora Unijuí no ano de 2015. A temática da obra busca abordar a produção do conhecimento em Educação Física no Brasil, sobretudo, os dilemas e desafios existentes nos Programas de Pós-Graduação da área. A título de conclusão, o artigo aponta que o livro em questão atua também como uma ferramenta política para tentar mudar as regras de funcionamento do campo científico na Educação Física brasileira.

**Palavras-chave:** Educação Física; Epistemologia; Produção do Conhecimento; Pós-Graduação.

---

---

#### **ABSTRACT**

This is a review of the book “Dilemmas and Challenges of Postgraduate in Physical Education”, organized by researchers at the Brazilian College of Sport Sciences (CBCE) and published by Editora Unijuí in 2015. The work subject seeks to address the production of knowledge in Physical Education in Brazil, especially the existing dilemmas and challenges in Postgraduate Programs area. By way of conclusion, the review points that the book in question turns out to be a political tool to try to change the operating rules of the scientific field in Brazilian Physical Education.

**Keywords:** Physical Education; Epistemology; Production of Knowledge; Postgraduate.

---

### **Apontamentos Iniciais**

A Pós-Graduação em Educação Física no Brasil ainda é muito recente. Os primeiros cursos de Mestrado na área foram criados em meados dos anos de 1970<sup>1,2</sup>. Segundo Kokubun<sup>3</sup>, durante o período de constituição dos programas houve grandes transformações na Educação Física brasileira, que foram marcadas pelo aumento do número de docentes com titulações de mestre e doutores, crescimento de grupos de pesquisa, aprimoramento da produção intelectual, entre outros elementos.

Quando se refere à Educação Física como área de pesquisa e produção do conhecimento, encontra-se uma heterogeneidade epistemológica, com objetos e conteúdo que transitam por diversas áreas do conhecimento, sejam mais inclinados às ciências naturais ou às humanas<sup>4,5</sup>. Tal fato reflete-se na Pós-Graduação, o que torna o campo científico/acadêmico da Educação Física um espaço social altamente complexo e polissêmico<sup>5</sup>.

Com a heterogeneidade epistemológica encontrada na Pós-Graduação em Educação Física brasileira, observando a complexidade de avaliação e tomadas as medidas políticas para se estruturar esse espaço, diversos autores da área entraram em campo colocando como objeto de estudo a própria Pós-Graduação em Educação Física brasileira. Alguns escolheram o

caminho de construção desse espaço social<sup>1,3,6-9</sup>, enquanto outros optaram em apontar as limitações dos programas<sup>5,9,10-13</sup>.

Os esforços realizados pelos pesquisadores acima citados demarcaram a configuração da Pós-Graduação em Educação Física no Brasil. Entretanto, tais artigos mostram um cenário bastante conturbado e marcado por um debate controverso e polêmico, principalmente ao referir-se à estrutura dos programas, o papel da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a influência do sistema de avaliação materializado no Qualis. Diante disso, o presente artigo pretende analisar o teor das críticas contidas no livro intitulado “Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física”<sup>14</sup>. A obra é uma coletânea organizada por um conjunto de pesquisadores ligados ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e tem em seu cerne uma crítica contundente ao sistema de Pós-Graduação em Educação Física brasileiro. Através da análise desse livro, o artigo objetiva identificar qual é o teor central da crítica, buscando assim compreender possíveis movimentações epistemológicas realizadas pelos mesmos no interior do campo científico da Educação Física brasileira.

### *Contextualizando a obra*

Como dito acima, a obra “Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física” é formada por um amplo conjunto de pesquisadores associados ao CBCE, contempla uma introdução escrita por Simone Rechia (Universidade Federal do Paraná-UFPR e atual presidente da instituição), Paula Cristina da Costa Silva e Felipe Quintão de Almeida, ambos da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que na época eram respectivamente vice-presidente e diretor científico da entidade. Além dessa parte introdutória, o livro contém outras duas. A primeira é composta por 12 artigos, nos quais os 17 autores focalizam suas análises na temática da Pós-Graduação em Educação Física e sua relação com o que chamam de caráter produtivista no fazer ciência. Tais artigos surgiram de palestras proferidas nas 4ª e 5ª edições do Fórum de Pós-Graduação do CBCE, organizados em 2012 e 2014, em Florianópolis e Vitória, nessa ordem<sup>14</sup>.

A segunda parte do livro é composta por 13 textos escritos por 46 autores. Cada um deles representa um Grupo de Trabalho Temático (GTT) do CBCE e tem como prerrogativa realizar um tipo de análise da produção de cada um dos grupos de trabalho que compõem a instituição<sup>14</sup>. Essa segunda parte foi produzida seguindo o modelo de livros anteriormente publicados pelo CBCE em 1999 e 2007<sup>15,16</sup>. Nesse sentido, percebe-se a presença de duas propostas diferentes em uma única obra. A primeira versa sobre os dilemas e desafios da Pós-Graduação em Educação Física e a segunda centra seus esforços num balanço das produções realizadas no interior dos diferentes GTTs que compõem o CBCE.

Nota-se desde a introdução, passando pelos doze artigos da primeira parte - com algumas exceções - que o eixo de análise circula numa crítica contundente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mais precisamente a denominada Área 21, instituição que gere a Pós-Graduação em Educação Física no Brasil. Na opinião da maioria dos autores que compõem a coletânea, os modos hegemônicos de se fazer ciência na área trazem inúmeros efeitos colaterais para a Educação Física brasileira. Para dar sequência à apresentação do livro analisado, se fará um panorama dos argumentos contidos na primeira parte da coletânea.

O primeiro capítulo, de autoria de Marco Paulo Sttiger, Raquel da Silveira e Mauro Myskiw, pesquisadores ligados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), objetiva identificar como os processos de indução promovidos pelos critérios de avaliação da CAPES atuam na constituição da cultura científica na Pós-Graduação em Educação Física no Brasil. As análises têm respaldo em entrevistas com alguns pesquisadores da área, bem como

faz uso de documentos da Área 21. A autoria conclui que a atual forma de se fazer ciência tem privilegiado o critério quantitativo da produção científica e o “impacto” dos periódicos. Tais elementos, na opinião dos autores, colocam em xeque a eficácia do sistema de avaliação da CAPES.

O capítulo seguinte é de autoria de Rosane Kreuzburg Molina e Vicente Molina Neto, docentes da Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e da UFRGS, respectivamente. Os autores mostram-se preocupados com a predominância das pesquisas em Educação Física amparadas numa abordagem quantitativa, ao mesmo tempo em que advogam sobre a importância do fazer científico amparado num viés mais qualitativo. Ao concluir, apontam que, para melhorar a qualidade da produção, devem-se redirecionar as pesquisas educativas para itens que sejam do interesse dos professores, refletindo a importância do aperfeiçoamento de incentivos para a formação de docentes e a necessidade de se pesquisar com os mesmos.

O terceiro artigo, intitulado “A quantidade -vs- qualidade na produção de conhecimento em Educação Física: os desafios de uma experiência concreta” foi escrito por Márcia Ferreira Chaves-Gamboa (Universidade Federal do Alagoas-UFAL) e Silvio Sánchez Gamboa (Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP). Baseados na realidade do Nordeste do Brasil, os autores apresentam três compreensões sobre a discussão acerca dos métodos de pesquisa quantitativos e qualitativos. A primeira percepção justifica a oposição e/ou incompatibilidade entre as duas abordagens. Por sua vez, a segunda defende a complementaridade entre a quantidade e a qualidade. Por fim, a terceira apoia-se na unidade entre os métodos supracitados. Para argumentar a favor da terceira abordagem, os autores utilizam-se de conceitos marxistas, pois consideram essa vertente teórica como a possibilidade mais profícua de construir uma ciência e uma tecnologia capazes de explicitar os conflitos, dilemas, carências e desigualdades regionais, bem como tornarem viáveis a mudança e a transformação.

Em seguida, tem-se o capítulo “Desafios e dilemas da Pós-graduação em Educação Física: conhecimento e especificidade”, do pesquisador ligado à UFES, Valter Bracht. O autor discorre brevemente sobre a constituição e especificidade da Educação Física, procurando demonstrar o definhamento da área pedagógica dentro da Pós-Graduação, bem como alternativas para que tal área não entre em extinção. As opções apresentadas para esse problema seriam a criação de mestrados profissionais em Educação Física que procurem dar enfoque na temática pedagógica ou a migração da Educação Física para área Grande Área Interdisciplinar.

O tema do quinto artigo - escrito pelo professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santiago Pich - é a identidade acadêmica da Educação Física. O autor aponta que a problemática é presente desde a chamada “crise”, ocorrida na década de 1980. Pich também versa sobre a atuação dos coordenadores da Área 21 da CAPES (Go Tani, Eduardo Kokubun e André Rodacki) e a influência deles na constituição de uma identidade para a Educação Física. Para o autor, o atual coordenador André Rodacki, diferentemente dos dois anteriores, não realiza um debate público com os pesquisadores e isso, em sua opinião, empobrece a discussão epistemológica da área.

Os dois capítulos subsequentes exploram a temática relativa aos cursos de Mestrado Profissional. No sexto artigo, Dartagnan Pinto Guedes, docente da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), apresenta a experiência do Mestrado Profissional em Exercício Físico na Promoção da Saúde organizado na UNOPAR. No sétimo capítulo, Suraya Cristina Darido (Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita-UNESP) e Fernando Jaime González (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ), descrevem a atual proposta de Mestrado Profissional em rede na área da Educação Física escolar

coordenado pela UNESP. Ambos os textos apontam as vantagens da criação dos Mestrados Profissionais para a Educação Física brasileira.

No artigo “Desafios e Dilemas da editoração de revistas científicas no Brasil”, Ivone Job, bibliotecária da Escola de Educação Física da UFRGS, promove uma reflexão acerca das revistas brasileiras relacionadas à Educação Física e ao Esporte, apontando para as principais características relacionadas à gestão dos periódicos. A autora recomenda ações para o aprimoramento da gestão baseadas nos seguintes aspectos: 1) transparência no detalhamento da política editorial, nos esclarecimentos sobre os direitos autorais e conflitos gerados pelos pareceres e investimento na formação e reconhecimento dos revisores; 2) profissionalização e sustentabilidade financeira das revistas através de alternativas como apoio das políticas públicas e/ou o pagamento dos autores; 3) difusão através de redes sociais e internacionalidade das revistas e; 4) cuidado na preservação dos documentos digitais preconizando softwares confiáveis. As medidas apontadas poderiam, na opinião da autora, ajudar a fomentar os periódicos da área da Educação Física no Brasil.

O artigo de Alexandre Palma, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), denominado “A saúde sob o olhar dos estudos socioculturais: Dificuldades, Possibilidades e Desafios” evidencia diversos entraves aos pesquisadores da área, tais como: 1) a supervalorização do conhecimento científico; 2) as críticas às pesquisas qualitativas; 3) a carência de bases sólidas nas Ciências Sociais e Humanas e; 4) as relações de poder que permeiam tal meio. Deste modo, o autor propõe medidas para explorar o tema saúde nas Ciências Sociais e Humanas dentro dos programas de Pós-Graduação em Educação Física e, assim, angariar visibilidade para esse tipo de pesquisa na comunidade científica da área.

O décimo artigo chama-se “Desafios e dilemas da Pós-graduação em Educação Física: os estudos socioculturais e a Área 21”, escrito por Otávio Tavares (UFES). O pesquisador destaca que, embora grande parte das dificuldades da Pós-Graduação esteja relacionada à avaliação quantitativa da Produção Intelectual fomentada pela CAPES, trata-se de um problema sistêmico que envolve diversos fatores: 1) dificuldade na produção científica dos alunos da Pós-Graduação agravada pela diminuição dos prazos de defesa; 2) estrutura amadora dos periódicos brasileiros; 3) disputa por fomentos para a pesquisa que tem como moeda a produtividade; 4) competição velada entre os Programas de Pós-Graduação; e 5) diversidade epistemológica das pesquisas na Educação Física. Ao tratar de maneira sistêmica, complexa e articulada os dilemas dos estudos socioculturais, o autor aposta na capacidade de esclarecimento e da possibilidade de se fazer acordos no interior da Educação Física como desafio para atender aos dilemas expostos.

O capítulo denominado “Produtivismo e ética na pesquisa em Educação Física: Leituras, um conto e alguns Casos”, redigido por Edison de Jesus Manoel, professor da Universidade de São Paulo (USP), relata sua experiência na atuação como assessor e membro de comissões representativas da Área 21. Em seu depoimento descreve a rotina do trabalho realizado nesse posto. Dentre as tarefas, o autor destaca as longas reuniões nas quais pouco se discutia sobre pesquisa, objetos e/ou temas de estudo. Evidencia em seu relato apenas as tematizações a partir de pontuações que deveriam ser direcionadas aos distintos programas e um estímulo crescente ao produtivismo para aqueles que aspiram ao ingresso nos Programas de Pós-Graduação. Nesse capítulo visualiza-se uma crítica contundente ao sistema de classificação, pois na opinião do autor, as pontuações dadas no período avaliativo da CAPES não representam o trabalho de um professor universitário.

Em “Dilemas e desafios da Pós-Graduação: pressão por publicação, produtivismo acadêmico e ética científica/em publicação”, o pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) Murilo Mariano Vilaça, ao articular parte da bibliografia existente com dados coletados sobre a pesquisa em Educação Física no período de 1994 a 2013, oferece uma

discussão sobre o produtivismo e suas implicações no ambiente acadêmico. A pressão pela produção, a ênfase na quantidade de publicações e a padronização na avaliação do que seria um pesquisador produtivo são elementos que indicam vantagens na disputa por recursos e posições na carreira.

Por sua vez o restante dos artigos compõe a parte dois do livro e analisa a produção dos 13 Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs) que constituem o CBCE: Atividade Física e Saúde; Comunicação e Mídia; Memória da Educação Física; Lazer e Sociedade; Treinamento Esportivo; Gênero; Corpo e Cultura; Escola; Formação Profissional e Mundo do Trabalho; Inclusão e Diferença; Movimentos Sociais; Epistemologia; e Políticas Públicas. Esses capítulos foram escritos por membros do comitê científico de cada grupo de trabalho, totalizando 46 autores de mais de 40 diferentes instituições universitárias. Todos os textos realizam um levantamento quantitativo das produções apresentadas em cada GTT e vinculadas aos anais dos últimos três CONBRACEs (2009, 2011 e 2013).

Uma característica presente no conjunto dos artigos da segunda parte do livro se refere à exposição dos temas mais explorados e negligenciados pelos pesquisadores ligados a cada grupo. Os textos exploram também as abordagens teóricas e/ou metodológicas mais utilizadas por cada GTT. Contudo, somente em alguns textos referentes aos grupos de Memória da Educação Física e Esporte; Lazer e Sociedade; Formação Profissional e Mundo do Trabalho e; Inclusão e Diferença; foi feita alguma tentativa de aproximação com a temática central do livro, ou seja, a relação com os dilemas e desafios da Pós-Graduação em Educação Física. Tal questão mostra certa desconexão entre as partes do livro.

Apesar desse descompasso entre as partes, a análise do livro em sua totalidade denota um elemento comum aos 25 capítulos que compõem a obra. Todos eles têm como premissa realizar uma avaliação da produção do conhecimento em Educação Física. Contudo, a ruptura existente entre as partes é mais evidente do que a conexão, visto que os doze primeiros capítulos buscam entender a estrutura que compõe o campo científico da área. Por sua vez os outros treze artigos visam fazer um balanço sobre a produção de cada grupo de trabalho da instituição. Deseja-se salientar que tais questões não diminuem em nada o teor dos elementos contidos nas partes, apenas evidenciam que são dois projetos editoriais distintos.

## Apontamentos Finais

Em relação ao contexto geral do livro, torna-se necessário realizar um primeiro apontamento sobre as críticas realizadas pela obra em questão. Afinal, são praticamente ocultadas determinadas práticas enraizadas nos próprios autores dos capítulos em sua forma de fazer ciência, ou seja, apesar de analisarem as práticas do campo científico, os autores não se colocam como produtores e/ou reprodutores desses procedimentos, desta forma, a análise não se mostra suficientemente aprofundada do ponto de vista analítico.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu<sup>17</sup>, indica que os agentes de um campo científico quando expostos a uma estrutura social acadêmica, através das trocas que estabelecem, tendem a interiorizar lenta e gradativamente determinados *habitus*. Presume-se então, que esses agentes – no caso os autores de cada capítulo do livro - possuem lógicas específicas do campo acadêmico incorporadas e que as diversas tensões históricas existentes neste espaço se refletem em sua prática científica. Acredita-se que a produção, principalmente em periódicos de maior impacto, tornou-se uma moeda de jogo importante – essa que, segundo a própria linha argumentativa do livro como um todo, é perseguida a todo o tempo pelos atores sociais da produção científica em Educação Física. Os pesquisadores tendem a buscar legitimidade, prestígio e poder através dela. A maioria dos artigos que compõem a primeira parte do livro - a exceção dos artigos de Ivone Job,

Alexandre Palma, Otavio Tavares e Murilo Vilaça - parecem esquecer este papel, realizando a crítica ao campo como se não fizessem parte do funcionamento do mesmo, ou seja, em diversos momentos os autores parecem esquecer que eles mesmos são agentes que também estão buscando melhores posições dentro do campo científico. Tal ponto somente é mencionado rapidamente pelos capítulos escritos por Alexandre Palma e Murilo Vilaça e com maior ênfase no ensaio realizado por Otavio Tavares.

Para interpretar tal questão dentro do universo acadêmico da Educação Física no Brasil, as contribuições levantadas por Bourdieu<sup>17</sup> podem ter um alto grau de proficuidade, pois o sociólogo francês infere que os pesquisadores se organizam em instituições universitárias e entidades científicas para se fortalecerem, para permanecerem em posição dominante e/ou mesmo para subverterem a lógica do campo, passando de dominados para dominantes. Parece que a própria estratégia política do livro reside nesse último ponto de subversão da lógica do campo. Tal questão pode ser percebida claramente na seguinte passagem do texto introdutório do livro:

A pressão pela produção certamente está presente cotidianamente entre aqueles que fazem parte (ou almejam fazer parte) de programas de Pós-Graduação e que, de alguma forma, precisam ser apoiados pelas agências de fomento, nacionais, estaduais e internacionais. E, além disso, a quantidade da produção é um elemento sempre presente nos próprios mecanismos internos de avaliação das Instituições de Ensino Superior (IES) para finalidades mais diversas, como concursos e os editais internos para fomento ou distribuição das bolsas de Iniciação Científica (IC) ou progressão funcional, só para mencionar alguns exemplos. Os pesquisadores/professores sentem isso na pele, mas tal é o estado de cobrança e paralisação que dificulta o diálogo, a construção de espaços de reflexão e, ao contrário, favorece a produção de níveis doentios de tensão no cotidiano em busca da famosa ‘produção’ e, o que é pior, a desmotivação e o afastamento de muitos pesquisadores relevantes da área dos programas de Pós-Graduação em Educação Física<sup>14:11-12</sup>.

Para pensar sobre as condições de produção é necessário ir além da simples crítica ao sistema vigente na Pós-Graduação brasileira, como fizeram os autores nas linhas reproduzidas acima. Necessita-se adentrar, conforme ensina Bourdieu<sup>17</sup>, na especificidade do *lôcus* social observado. Isto só se torna possível a partir da imersão mais aprofundada na estrutura do campo. Um primeiro ponto a ser considerado é que todos os pesquisadores no Brasil têm suas práticas científicas de certa forma estruturadas pela CAPES. De forma geral, os investigadores buscam inserção no quadro de publicações para se credenciar nos programas, e assim, poderem desenvolver suas pesquisas e seguir suas trajetórias acadêmicas, ou seja, a produtividade - principalmente a centrada em periódicos com fator de impacto - se configura como um capital simbólico que atua os posicionando em hierarquias de poder no interior do campo.

Ocorre que, após o credenciamento do docente em um programa, para permanecer em tal posição - que é prestigiosa dentro da esfera universitária - é necessário manter determinados níveis de produtividade. O sistema de coautorias, a institucionalização de grupos de pesquisa e a efetivação de amplas redes de parceria nacionais e internacionais convergem para a reprodução desta lógica mais acelerada. Assim sendo, o capital social também se mostra como um elemento fundamental, visto que resulta de uma rede de relacionamentos que pode se transformar em importantes rendimentos simbólicos, como o aumento do capital científico e a aquisição de um maior capital cultural institucionalizado. Desta forma, aponta-se para a parcialidade da análise que centraliza a “culpa” da estrutura do campo na CAPES, pois dentro de um processo de rupturas e continuidades,

conforme preconiza Bourdieu<sup>17</sup>, os agentes estabelecem disputas e se organizam para poderem “participar do jogo” de posições mais vantajosas. O dominante na busca de permanecer na posição de poder e o dominado no intento de acumular capitais necessários para “entrar no jogo”.

Esta busca pelo aumento do capital científico implica em uma disputa pelos espaços legitimados dentro da Pós-Graduação em Educação Física no Brasil. Essa questão fica evidente ao analisar a relação dos 63 autores participantes da obra com os programas da Área 21. Ao consultar a Plataforma Sucupira<sup>18</sup>, bem como o Currículo Lattes de cada pesquisador, detectou-se que somente 18 (28,57%) são atualmente docentes de alguma Pós-Graduação em Educação Física. Outros 18 (28,57%) são credenciados como professores em mestrados e doutorados de outra área do conhecimento (Educação, Comunicação, etc). Os 27 (42,86%) restantes não atuam em nenhum programa, sendo que 9 destes (14,29%) ainda estão com seus doutoramentos em andamento. Tais dados indicam que o livro em questão foi composto em sua maioria por agentes que estão fora da Pós-Graduação em Educação Física, afinal 44 (71,43%) dos participantes do livro não são credenciados a um programa da área. Nesse sentido, é possível afirmar que o principal objetivo do livro analisado é político, ou seja, os autores são agentes que ambicionam se manter e/ou adentrar num espaço institucionalizado que lhes trará benefícios simbólicos.

A título de conclusão, salienta-se que em hipótese alguma os apontamentos realizados neste artigo buscam desqualificar o teor das análises contidas na obra organizada por esse conjunto de pesquisadores da Educação Física. Várias das críticas levantadas possuem pertinência e devem ser pautadas na agenda de uma política para a Pós-Graduação em Educação Física no Brasil. Entretanto, as argumentações aqui realizadas em resposta as ponderações desses autores residem na compreensão de que todos os agentes, bem como as diversas entidades científicas da área, entre elas o próprio CBCE, estão envolvidos nesse complexo “jogo” que consiste no fazer ciência na atualidade. Afinal, a predisposição para a ação dos pesquisadores da área da Educação Física é calcada nas regras próprias ao universo científico, espaço no qual os pesquisadores travam disputas políticas para se estabelecerem em posições prestigiosas, o que justificaria a eleição dos objetos de estudos, as estratégias para manter a produtividade e, conseqüentemente, os postos mais elevados desse campo.

Por fim uma última ressalva necessita ser realizada. Afinal, por mais que a busca por um capital científico centrada na produtividade seja questionável em alguns pontos, é inegável, conforme apontam Tani<sup>8,19</sup> e Rodacki<sup>20</sup>, que os indicadores centrados em periódicos de impacto internacional utilizados pela CAPES constituem uma das poucas ferramentas que se destinam ao propósito de qualificação da produção científica brasileira. Assim, baseados nestes autores, acredita-se os argumentos de que os estudos amparados nas ciências humanas em Educação Física não publicam e/ou não interessam aos periódicos internacionais torna-se contraditório e pouco fundamentado. Em alguns casos, parece que se trata muito mais da explicitação dos critérios praticados pelos próprios pesquisadores da área do que a busca por práticas científicas que possam inseri-los na comunidade científica internacional. A inclusão no cenário global necessita de uma série de investimentos individuais e coletivos para que mudanças na cultura do “fazer ciência” em Educação Física possam ser implementadas rumo a uma comunidade científica que saia de sua “zona de conforto” e se mostre mais presente, atuante e relevante internacionalmente.

## Referências

1. Amadio AC. Trajetória da pós-graduação stricto sensu na escola de educação física e esporte da universidade de São Paulo após 25 anos de produção acadêmica. *Rev Bras Cienc Esporte* 2003; 24(2): 27-47.
2. Rosa S, Leta J. Tendências atuais da pesquisa brasileira em Educação Física. Parte 2: a heterogeneidade epistemológica nos programas de pós-graduação. *Rev Bras Cienc Esporte* 2011; 25(1): 7-18.
3. Kokubun E. Pós-graduação em educação física. *Rev Bras Educ Fis Esporte* 2006; 20(5): 31-33.
4. Feron AV, Moraes E Silva M. A Igreja do “Diabo” e a Produção do Conhecimento na Educação Física. *Rev Bras Cienc Esporte* 2007; 29(01): 107-122.
5. Rigo LC, Ribeiro GM, Hallal PC. Unidade na diversidade: desafios para a Educação Física no século XXI. *Rev Bras Ativ Fis Saúde* 2011; 16(4): 339-345.
6. Tani G. Os desafios da pós-graduação em educação física. *Rev Bras Cienc Esporte* 2000; 22(1): 79-90.
7. Kokubun E. Pós-Graduação em Educação Física no Brasil indicadores objetivos dos desafios e das perspectivas. *Rev Bras Cienc Esporte* 2003; 24(2): 9-26.
8. Tanl G. Educação física: por uma política de publicação visando à qualidade dos periódicos. *Rev Bras Cienc Esporte* 2007; 29(1): 9-22.
9. Lovisolo HR. “Levantando o sarrafo ou dando tiro no pé”: critérios de avaliação e Qualis das pós-graduações em Educação Física. *Rev Bras Cienc Esporte* 2007; 29(1): 23-33.
10. Manoel EJ, Carvalho YM. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. *Rev Educ e Pesq* 2011; 37(2): 389-406.
11. Marchlewski C, Maia Da Silva P, Soriano JB. A influência do sistema de avaliação Qualis na produção de conhecimento científico: algumas reflexões sobre a Educação Física. *Motriz Rev Educ Fis* 2011; 17(1): 104-116.
12. Furtado HL, Naman M. Formação do pesquisador em educação física: análises epistemológicas. *Pensar a Prática* 2014; 17(3): 751-765.
13. Pereira da Silva JVP, Gonçalves-Silva LL, Moreira WW. Produtivismo na pós-graduação. Nada é tão ruim, que não possa piorar. É chegada a vez dos orientandos! *Movimento* 2014; 20(4): 1423 –1445.
14. Rechia S et. al. (orgs.). Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2015.
15. Goellner S. (org.). Intervenção e conhecimento em Educação Física/Ciências do Esporte. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.
16. Carvalho YM; Linhares M A. (orgs.). Política Científica e produção do conhecimento em Educação Física. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.
17. Bourdieu P. Para uma Sociologia da Ciência. Lisboa: Edições 70, 2001.
18. Capes. [Internet]. Plataforma Sucupira. [Acesso em agosto de 2015]. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/plataforma-sucupira>
19. Tani G. Editoração de periódicos em educação física/ciências do esporte: dificuldades e desafios. *Rev Bras Cienc Esporte*, 2014; 36(4): 715- 722.
20. Rodacki, ALF. Qualis: implicações para a avaliação de programas de pós-graduação das diferentes áreas do conhecimento-uma análise preliminar. *Rev Bras Pós-Grad*, 2016; 13(30): 65-76.

**Agradecimentos:** O presente texto contou com o financiamento do PIBIC/CNPq e bolsas de Mestrado e Doutorado da CAPES.

Recebido em 14/10/16.

Revisado em 17/12/16.

Aceito em 30/12/16.

---

**Endereço para correspondência:** Marcelo Moraes e Silva, Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Rua Coração de Maria, 92 - Jardim Botânico Curitiba - Paraná. CEP 80215-370. Email: [marcelomoraes@ufpr.br](mailto:marcelomoraes@ufpr.br)